

RESUMO - 03. GÊNERO, INTERSECCIONALIDADES, CUIDADOS E
PRÁTICAS DE HISTÓRIA PÚBLICA | HÍBRIDO

**MONOPARENTALISMO: DESROMANTIZANDO A IDEIA DE MÃES SOLO
GUERREIRAS**

*Loren Stefany Oliveira Mereles Carvalho Santos
(lorencarvalho.juridico@gmail.com)*

Luciana Dos Santos Ribeiro (luciana2013moc@hotmail.com)

Objetivo: O objetivo central deste artigo é analisar criticamente o monoparentalismo feminino, buscando desnaturalizar a idealização da “mãe solo guerreira” e evidenciar camadas de trabalho invisíveis, renúncia e solidão que atravessam essa experiência. Parte-se da premissa de que a imagem da mãe que “tudo suporta” opera como dispositivo normativo, cuja manutenção envolve arranjos sociais, estatais e familiares que reproduzem assimetrias de gênero. Materiais e Métodos: Estudo qualitativo, exploratório com revisão bibliográfica interdisciplinar (Direito, Sociologia, Estudos de Gênero e Comunicação), análise crítica de documentos normativos e indicadores descritivos sobre trabalho de cuidado e arranjos familiares. O procedimento analítico consistiu em: (i) mapeamento teórico de categorias (monoparentalismo, corresponsabilidade, economia do cuidado, espetacularização da maternidade); (ii) análise discursiva de narrativas midiáticas que sustentam o ideal da “mãe heroína”; (iii) contraponto normativo entre garantias legais (guarda/ alimentos) e sua efetividade social. Critério de validade: triangulação conceitual e coerência explicativa entre achados empíricos descritos pela literatura e consequências jurídico-políticas inferidas.

Resultados e Discussão: Os resultados indicam que a idealização da “mãe solo guerreira” atua como tecnologia normativa que naturaliza a sobrecarga, legitima a ausência paterna e desloca responsabilidades coletivas para o plano individual, resultando na feminização estrutural do cuidado; nesse contexto, a economia do cuidado pilar da reprodução social permanece não contabilizada e desvalorizada, especialmente em lares monoparentais chefiados por mulheres, onde se observam jornadas múltiplas, maior instabilidade material e impactos consistentes sobre renda, tempo e saúde mental; simultaneamente, a espetacularização da maternidade nas plataformas digitais padroniza performances e impõe padrões inatingíveis de excelência, ampliando autovigilância e culpa, ainda que produza redes de apoio; por fim, persiste um hiato jurídico prático em que avanços normativos (guarda compartilhada e alimentos) não se convertem em partilha efetiva de tempo e tarefas diante de morosidade executiva e baixa responsividade institucional. Considerações Finais: Diante do exposto, confirma-se a hipótese de que a romantização da mãe solo opera como mecanismo de apagamento da responsabilidade coletiva: ao promover a figura paterna, nega-se suporte institucional e perpetua-se a lógica da sobrecarga. Impõe-se, portanto, uma reorientação analítica e política que reconheça o cuidado como valor social, a maternidade como prática situada e a mulher como sujeito de direitos – não como corpo disponível ao sacrifício.

Palavras-chave: monoparentalismo; maternidade solo; economia do cuidado; corresponsabilidade.